

UM

Da rua ainda era possível ver uma fraca fumaça preta saindo da janela. “Isso é mau agouro”, pensa Xavier. Ele chega com o seu carro particular e estaciona dentro do cordão de isolamento dos bombeiros. Está cansado, sente o corpo pesado. É difícil se movimentar. Suas mãos não desgrudam do volante, como se quisessem passar o dia ali. Pisca lentamente. O sol amarelo, forte e quente da manhã de verão incomoda. “Que horas são agora?” A cabeça lateja, seus olhos mal conseguem se abrir. A boca está amarga, a garganta, arranhada. Mete um chiclete na boca e levanta o rosto, protegendo com a mão a vista da claridade. Vê a tal janela. Suspira. Sai do carro se arrastando.

Cumprimenta os bombeiros. Pergunta, cumprindo sua burocracia, se o local está liberado, eles confirmam com a cabeça sem prestar atenção nele. Ele olha para cima, mais uma vez. A parede do lado de fora do prédio está preta, queimada. Ao redor do edifício, uma pequena multidão de curiosos, gente da imprensa, moradores vestidos apenas com pijamas. Imagina que, na volta, vai poder conversar com os jornalistas. Sente uma leve empolgação. Pelo menos ia aparecer na televisão.

Leva o seu corpo atarracado vagarosamente em direção à portaria. Sente os pés amaciarem o chão que ferve, como se deixasse pegadas. A quentura sobe pelas pernas. Ele percebe as primeiras gotas do suor escorrer pelas costas, se acumular sobre a barriga redonda, manchando a camisa ordinária de botões. Antes de tocar na grade do prédio, suspira mais uma vez.

Não sabe absolutamente nada do que aconteceu. Apenas que o morto é importante o suficiente para ter um cordão de isolamento e para ligarem para a sua casa no meio da madrugada. Quando o telefone tocou, deu um salto. Seu corpo quicou na cama com o susto, e o coração disparou. Pensou: “tô ferrado”, pensou: “será que deu merda?”, pensou: “alguém morreu”. Tudo ao mesmo tempo.

Logo naquele dia. Tinha ido dormir bêbado. Ele e a mulher não passam por uma boa fase. Conseguiu se levantar com dificuldade e se arrastou até o banheiro. Apoiou-se em todas as paredes, foi Tateando até encontrar a porta, com a cabeça baixa, os olhos semicerrados, com dificuldade de respirar. Ouviu a mulher, de longe, resmungar. Finalmente e com uma força desproporcional abriu as pestanas. No espelho, os olhos vermelhos de cansaço. “Tô ferrado”, repetiu mentalmente.

Na rua, sob o sol já forte das seis e pouco da manhã, colocou pé ante pé tentando seguir em frente. “Não aguento mais. É sempre assim. Por que escolhi mesmo essa profissão?” Sempre se fazia essa pergunta, sabendo que tinha a resposta.

- É o Xavier – diz ao interfone à espera do portão abrir e suspira pela terceira vez naquele dia.